



# HISTÓRIA ILUSTRADA DO CRISTIANISMO

A ERA DOS REFORMADORES ATÉ  
A ERA INCONCLUSA

JUSTO L. GONZÁLEZ

2ª EDIÇÃO REVISADA

VOLUME

2

  
VIDA NOVA

# SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	7	71. Um novo mundo.....	144
<b>Parte 6 — A era dos reformadores</b>		72. A justificação do empreendimento .....	154
<i>Cronologia</i> .....	11	73. O empreendimento antilhano .....	163
<i>Mapa dos principais lugares</i> .....	14	74. A serpente emplumada .....	168
56. Isabel, a Católica.....	15	75. Castela do Ouro.....	184
57. Martinho Lutero: o caminho para a Reforma.....	28	76. Nova Granada .....	189
58. A teologia de Martinho Lutero.....	41	77. Os filhos do Sol.....	197
59. Uma década de incertezas .....	46	78. A Flórida .....	217
60. Ulrico Zuínglio e a Reforma na Suíça.....	53	79. O vice-reinado da Prata.....	221
61. O movimento anabatista .....	58	80. Os portugueses na África .....	227
62. João Calvino.....	64	81. Em direção ao nascer do sol.....	232
63. A Reforma na Grã-Bretanha .....	71	82. O Brasil .....	240
64. O curso posterior do luteranismo .....	84	83. A cruz e a espada.....	246
65. A Reforma nos Países Baixos .....	91	<b>Parte 8 — A era dos dogmas e das dúvidas</b>	
66. O protestantismo na França .....	98	<i>Cronologia</i> .....	253
67. A Reforma Católica.....	105	84. Os dogmas e as dúvidas .....	257
68. O protestantismo espanhol.....	116	85. A Guerra dos Trinta Anos .....	259
69. Uma era agitada .....	124	86. A igreja do deserto .....	269
<b>Parte 7 — A era dos conquistadores</b>		87. A revolução puritana .....	277
<i>Cronologia</i> .....	131	88. A ortodoxia católica .....	294
70. Isabel, a Católica.....	133	89. A ortodoxia luterana.....	308
		90. A ortodoxia reformada .....	313
		91. A opção racionalista.....	319

92. A opção espiritualista.....	331
93. A opção pietista.....	337
94. A opção geográfica.....	353

### Parte 9 — A era dos novos horizontes

<i>Cronologia</i> .....	369
95. Horizontes políticos: os Estados Unidos.....	372
96. Horizontes políticos: Europa.....	395
97. Horizontes políticos: América Latina .....	407
98. Horizontes intelectuais: a teologia protestante .....	415
99. Horizontes intelectuais: a teologia católica .....	425
100. Horizontes geográficos: o século do colonialismo .....	432
101. Horizontes geográficos: Ásia.....	438
102. Horizontes geográficos: Oceania .....	457
103. Horizontes geográficos: a África e o mundo muçulmano .....	466
104. Horizontes geográficos: América Latina .....	475
105. Horizontes ecumênicos .....	487

### Parte 10 — A era inconclusa

<i>Cronologia</i> .....	495
-------------------------	-----

106. Uma era de mudanças drásticas .....	497
107. O cristianismo oriental.....	504
108. O cristianismo católico romano .....	509
109. O protestantismo na Europa.....	522
110. O protestantismo nos Estados Unidos .....	530
111. Desde os confins da terra .....	544

### Roteiro de leitura

<i>Explicações Preliminares</i> .....	557
<i>Introdução</i> .....	559
A Conquista e a Reforma: Parte 6 e Parte 7 <i>A era dos reformadores e A era dos conquistadores</i> .....	563
Os séculos XVII e XVIII: Parte 8 <i>A era dos dogmas e das dúvidas</i> .....	567
O século XIX: Parte 9 <i>A era dos novos horizontes</i> .....	570
O fim da modernidade: Parte 10 <i>A era inconclusa</i> .....	574
<i>Leitura complementar em português e espanhol</i> .....	581
<i>Índice remissivo</i> .....	585

# INTRODUÇÃO

Em certo sentido, esta história é uma autobiografia. Contudo, em lugar de começar com meu nascimento, começa séculos antes, e narra toda uma série de acontecimentos que, no final, seriam determinantes na minha vida. Sem esses séculos passados, meu nascimento e toda minha vida pareceriam flutuar no vazio.

Mas, mais que uma autobiografia individual, esta história é a biografia desse povo de Deus chamado “igreja”, onde minha fé foi formada e nutrida. Sem compreendê-la, não compreendo a mim mesmo; sem conhecer a sua história, não a compreendo.

Portanto, não se trata aqui de um interesse de antiquário em tempos passados que nunca voltarão; antes, trata-se de uma necessidade urgente de conhecer esses tempos passados que seguem presentes ainda entre nós — limitando nossas opções, determinando nossas perspectivas e assinalando-nos o caminho em direção ao futuro.

Quando escrevi *Uma história ilustrada do cristianismo*, a obra constava de dez volumes. Agora, graças aos esforços de Edições Vida Nova, o leitor tem em mãos essa obra reunida em apenas dois volumes. Cada volume agora corresponde a cinco partes. Este segundo volume, da Parte 6 à Parte 10, contém “A era dos reformadores”, terminando em “A era inconclusa”.

A Parte 6, “A era dos reformadores”, tratará então da Reforma — tanto da católica quanto da protestante —, particularmente no século XVI, falando ainda de outros movimentos rivais.

A Parte 7, “A era dos conquistadores”, será dedicada completamente à grande expansão europeia nesse mesmo século e no seguinte, particularmente em nosso continente.

A Parte 8, “A era dos dogmas e das dúvidas”, terá por tema principal os conflitos entre a fé e a razão nos séculos XVII e XVIII, mas tratará também de outros acontecimentos que ocorreram na mesma época, como o pietismo e o nascimento do metodismo, por exemplo.

A penúltima, a Parte 9, “A era dos conquistadores”, terá por tema o século XIX, prestando especial atenção à grande expansão protestante nessa época, e aos movimentos teológicos que pareceram dominar o protestantismo europeu.

Por último, a Parte 10 será dedicada aos desafios do mundo moderno e tratará de trazer nossa história ao seu ponto de contato com nossas biografias.

As pessoas que me prestaram seu apoio e ajuda na preparação deste livro são muitas. Várias delas emprestaram sua colaboração a mais de uma das partes. A todas elas quero expressar meus agradecimentos.

Por fim, convido o leitor a que, ao ler as páginas a seguir, faça-o no mesmo espírito com que foram escritas: com a oração de que o Senhor da história nos fale através dela, e nos chame a ocupar nosso lugar nela.



PARTE 6

## A ERA DOS REFORMADORES

# CRONOLOGIA

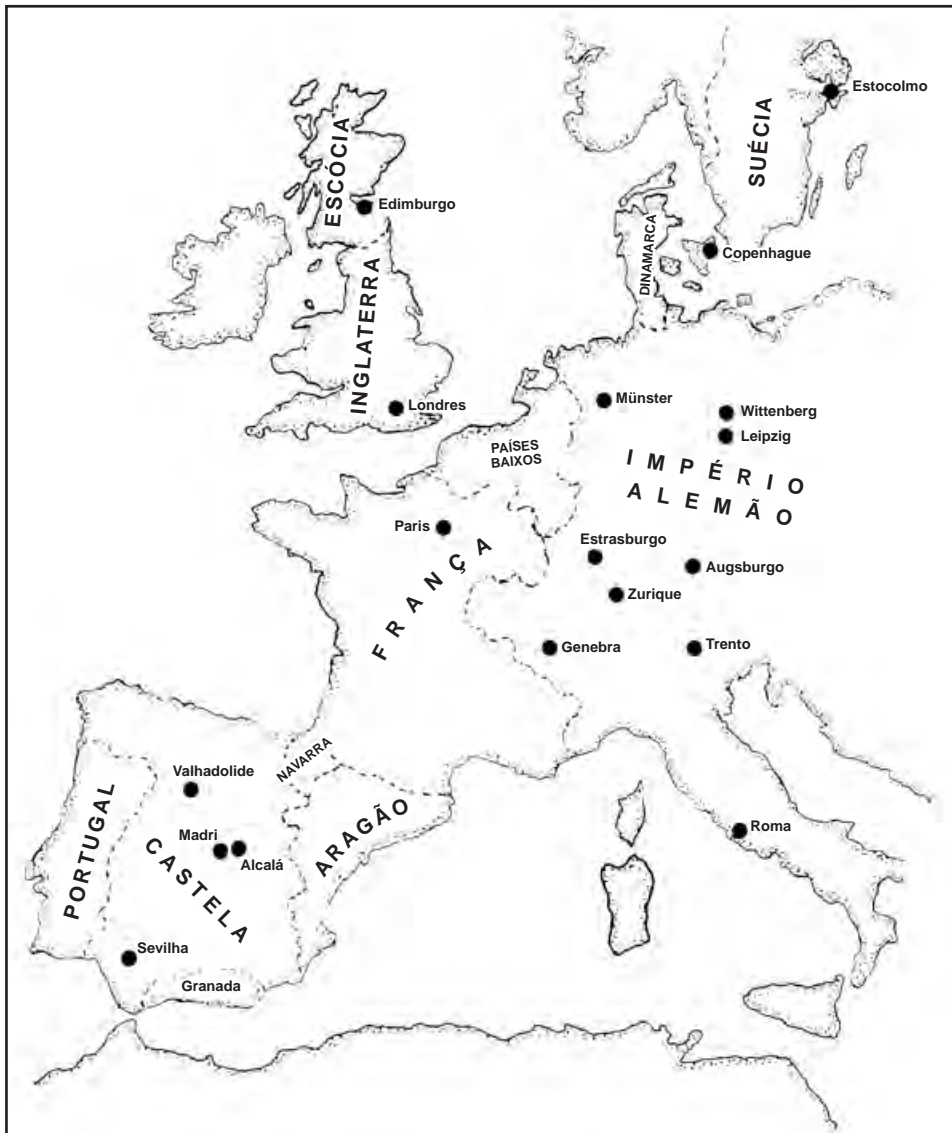
PAPAS	IMPERADORES	CASTELA	ARAGÃO	FRANÇA	INGLATERRA	ESCÓCIA	ACONTECIMENTOS
Alexandre VI (1492-1503)		Elisabete I (1474-1504)	Fernando II (1479-1516)		Henrique VII (1485-1509)	Jaime IV (1488-1513)	
Pio III (1503)	Maximiliano I (1493-1519)	Joana, a Louca (1504-1516)		Luís XII (1498-1515)			1492 Descobrimento da América
Júlio II (1503-1513)					Henrique VIII (1509-1547)	Jaime V (1513-1542)	
Leão X (1513-1521)							1515 Novo Testamento de Erasmo 1517 As 95 Teses
	Carlos V o (1519-1556)	m e s o Carlos I (1516-1555)		Francisco I (1515-1547)			1521 A dieta de Worms 1522 Loyola em Manresa

PAPAS	IMPERADORES	CASTELA	ARAGÃO	FRANÇA	INGLATERRA	ESCÓCIA	ACONTECIMENTOS
Adriano VI (1522-1523) Clemente VII (1523-1534)							1524-25 Guerra dos Camponeses 1529 Viena sitiada pelos turcos 1529 Lutero e Zuínglio 1530 <i>Confissão de Augsburgo</i> 1534 Inglaterra rompe com Roma 1536 <i>Institutas</i> , de Calvino (1ª edição) 1540 Companhia de Jesus aprovada pelo Papa 1545 Concílio de Trento
Paulo III (1534-1549)				Henrique II (1547-1559)	Eduardo VI (1547-1553)  Maria Tudor (1553-1558)	Maria Stuart (1542-1567)	1555 Paz de Augsburgo
Júlio III (1550-1555)							
Marcelo II (1555) Paulo IV (1555-1559)		<b>ESPANHA</b>  Filipe II (1556-1596)		Elisabete I (1558-1603)			1559 <i>Institutas</i> , de Calvino (edição definitiva)
	Fernando I (1558-1564)						

PAPAS	IMPERADORES	CASTELA	ARAGÃO	FRANÇA	INGLATERRA	ESCÓCIA	ACONTECIMENTOS
Pio V (1566-1572) Gregório XIII (1572-1585)	Maximiliano II (1564-1576)		Carlos IX (1560-1574)		Jaime V (1567-1625)		1562 Guerras religiosas na França 1566 Revolta nos Países Baixos 1572 Bartolomeu
Sisto V (1585-1590)	Rodolfo II (1576-1612)		Henrique III (1574-1589)				1576 <i>Pacificação de Gante</i> 1584 Morre Guilherme, o Taciturno 1587 Maria Stuart é executada
Urbano VII (1590) Gregório XIV (1590-1591) Inocência IX (1591) Clemente VIII (1592-1605)		<b>ESPAÑHA</b>  Filipe III (1598-1621)	Henrique IV (1589-1610)				1598 Edito de Nantes



## PRINCIPAIS LUGARES MENCIONADOS NESTA PARTE



## CAPÍTULO 56

# ISABEL, A CATÓLICA

*“Primeiramente, encomendo meu espírito às mãos do meu Senhor Jesus Cristo, que o criou do nada e o redimiu por seu preciosíssimo sangue”.*

*Testamento de Isabel, a Católica*

Mesmo que seja costume começar os livros sobre a Reforma tratando da Alemanha e da experiência e teologia de Lutero, o fato é que o pano de fundo político e eclesiástico da época pode ser mais bem entendido tomando outros pontos de partida. O que escolhemos aqui, que poderá parecer estranho ao leitor, tem certas vantagens. A primeira delas é que mostra a continuidade entre os desejos reformadores que vimos repetidamente na Parte 5 e os acontecimentos do século XVI. Lutero não apareceu no meio do nada, mas foi o resultado dos “sonhos frustrados” de gerações anteriores. Todos conhecem a direção que seu protesto tomou, devido em parte às condições políticas que se relacionavam estreitamente com a hegemonia espanhola.

A segunda vantagem do nosso ponto de partida é que nos ajuda a traçar o marco político dentro do qual ocorreram acontecimentos que frequentemente são descritos num plano puramente teológico. Catarina de Aragão, a primeira esposa a quem Henrique VIII da Inglaterra repudiou, era filha de Isabel. Carlos V, o imperador a quem Lutero enfrentou em Worms, era neto da grande rainha espanhola e, portanto, sobrinho de Catarina. Filipe II, o filho de Carlos V, bisneto de Isabel, casou-se com sua prima de segundo grau, Maria Tudor, rainha da Inglaterra e neta de Isabel. Tudo isso, apresentado tão rapidamente, pode parecer complicado, mas será explicado adiante no decurso desta história. Mencionamos aqui simplesmente a fim de demonstrar a importância de Isabel e sua descendência dentro do processo político e religioso do século XVI.

Por último, em relação à Espanha, esse ponto de partida ajuda a corrigir várias falsas impressões que se possa ter recebido de uma história escrita principalmente por uma perspectiva alemã ou anglo-saxônica. Durante a época da Reforma, a Espanha era centro de atividade intelectual e reformadora. Embora seja certo que a Inquisição tenha sido frequentemente uma força opressora, não é menos certo que, em muitos outros países, tanto católicos como protestantes, havia outras forças de mesma índole. Ademais, muito antes do protesto de Lutero, os desejos reformadores se haviam instalado em boa parte da Espanha, precisamente graças à obra de Isabel e seus colaboradores. Se não nos esquecermos do que estava acontecendo na Espanha nos tempos de Isabel e nos primeiros anos de reinado de Carlos V, então a reforma católica, que muitas vezes recebe o nome de “Contrarreforma”, será conseqüentemente anterior à protestante.

Tampouco devemos esquecer que essa “era dos reformadores”, que agora estudamos, também foi a mesma “era dos conquistadores”, à qual dedicaremos a Parte 7. Para a história escrita com base numa perspectiva alemã ou anglo-saxônica, a conquista da América pelos povos ibéricos tem pouca importância e parece um apêndice aos acontecimentos supostamente mais importantes que estavam ocorrendo na Alemanha, Suíça, Inglaterra e Escócia. Porém, o fato é que essa conquista foi de tão grande importância para a história do cristianismo como foi a Reforma protestante. Ambos os acontecimentos ocorreram ao mesmo tempo.

Para acentuar essa concordância cronológica entre a “era dos reformadores” e a “era dos conquistadores”, decidimos começar ambas as partes com a mesma personagem, frequentemente esquecida na história eclesiástica, em que se encontram tanto as raízes da Reforma como as da Conquista: Isabel de Castela, “a Católica”.

Ao tratar de Isabel nesta Parte, isto quer dizer que dirigiremos nossa atenção quase que exclusivamente para a sua luta reformadora, deixando para a Parte 7 tudo o que se refere à sua marcha ao trono, à conquista de Granada, ao descobrimento da América e às primeiras medidas colonizadoras e evangelizadoras.

## A REFORMA DO CLERO

Quando Isabel e Fernando herdaram a coroa de Castela, devido à morte do meio-irmão de Isabel, Henrique IV, a igreja espanhola se encontrava em grande necessidade de reforma. Durante os anos de incertezas políticas que precederam a morte de Henrique IV, o alto clero dedicara-se às práticas belicosas que, segundo vimos na Parte 5, eram características de muitos dos prelados do fim da Idade Média. Nisto a Espanha não se diferenciava do restante da Europa, pois seus bispos com frequência se tornavam mais guerreiros que pastores e se envolviam por completo nas intrigas políticas da época, não para o bem dos seus rebanhos, mas por seus próprios interesses políticos e econômicos. Exemplo disso foi o arcebispo de Toledo, dom Alonso Carrillo de Albornoz, que, como veremos na Parte 7, foi um dos principais arquitetos da ascensão política de Isabel e do seu casamento com Fernando.

O baixo clero, ainda que distante do poder e dos luxos dos prelados, não estava em melhores condições de servir ao povo. Os sacerdotes, em sua maioria, eram ignorantes e incapazes de responder às mais simples perguntas religiosas por parte dos paroquianos, e muitos deles não sabiam nada mais que recitar a missa de memória, sem sequer entender o que estavam dizendo. Além do mais, visto que o alto clero recolhia a maior parte das entradas na igreja, os sacerdotes se viam envolvidos em pobreza humilhante, e frequentemente descuidavam dos seus trabalhos pastorais.

Nos conventos e mosteiros, a situação não era muito melhor. Conquanto em alguns a regra monástica continuasse a ser cumprida, em outros se praticava a vida luxuosa. Havia casas religiosas governadas não segundo as regras, mas segundo os desejos dos monges e monjas da alta nobreza. Em muitos casos, descuidava-se da oração, supostamente a ocupação principal dos religiosos.

A tudo isso, adicione-se o pouco caso que se fazia ao celibato. Os filhos bastardos dos bispos se moviam no meio da nobreza, reclamando abertamente o sangue de que eram herdeiros. Até o digníssimo dom Pedro González de Mendoza, que sucedeu a dom Alonso Carrillo como arcebispo de Toledo, tinha pelo menos dois filhos bastardos, aos quais posteriormente, com base no arrependimento do arcebispo, Isabel declarou como legítimos. Se isso ocorria no alto clero, a situação não era melhor entre os sacerdotes locais, muitos dos quais viviam publicamente com suas concubinas e seus filhos. Visto que esse concubinato não tinha a estabilidade do casamento, eram muitos os sacerdotes que tinham filhos de várias mulheres.

Isabel e Fernando subiram juntamente ao trono de Castela, ainda que, segundo o estabelecido antes do casamento, Fernando não pudesse intervir nos assuntos internos de Castela contra o desejo da rainha, que era a herdeira do trono. A atitude dos dois cônjuges para com a vida eclesiástica e religiosa era muito distinta. Fernando tivera amplos contatos com a Itália, e a atitude renascentista de quem via na igreja um instrumento para seus fins políticos se apegara a ele. Isabel, por sua vez, era uma mulher devota e seguia rigorosamente as horas de oração. Para ela, os costumes licenciosos e belicosos do clero eram um escândalo. Para Fernando, a preocupação era o excessivo poder dos bispos, convertidos em grandes senhores feudais. Em consequência, a reforma seguia adiante quando os interesses políticos de Fernando coincidiam com os propósitos reformadores de Isabel. Quando não coincidiam, Isabel fazia valer sua vontade em Castela, e Fernando, em Aragão.

Com a finalidade de reformar o alto clero, os reis católicos obtiveram de Roma o direito de nomeação. Para Fernando, tratava-se de uma medida necessária, do ponto de vista político, pois a coroa não podia ser forte enquanto não contasse com o apoio e a



*A coroação de Isabel, segundo um afresco de Alcázar de Segóvia. Quem sustenta a Bíblia é o arcebispo Alonso Carrillo de Albornoz.*

lealdade dos prelados. Isabel via essa realidade, e concordava com Fernando, pois sempre foi mulher sagaz em assuntos de política. Entretanto, estava convencida da necessidade de reformar a igreja em seus domínios, e o único modo de fazê-lo era tendo à sua disposição a nomeação daqueles que deveriam ocupar os altos cargos eclesiásticos. Prova dessa atitude divergente entre os soberanos é o fato de que, embora em Castela Isabel se esforçasse para encontrar pessoas idôneas que ocupassem as vagas, em Aragão Fernando nomeou dom Afonso, seu filho bastardo de seis anos de idade, como arcebispo de Saragoça.

De todas as nomeações que a rainha pôde fazer graças a suas gestões em Roma, nenhuma teve consequências tão notáveis como a de Francisco Jiménez de Cisneros, a quem nomeou



*Isabel e  
Fernando  
em oração.  
Quadro de  
Alcázar de  
Segóvia.*

arcebispo de Toledo. Cisneros era frade franciscano em quem se combinavam a pobreza e a austeridade franciscanas com o humanismo erasmiano. Antes de ser arcebispo, dera amplas mostras tanto de seu temperamento como de sua erudição. Desde jovem, tinha se chocado com os interesses do arcebispo Alonso Carrillo de Albornoz, e passou dez anos preso, sem ceder. Depois se dedicou a estudar hebraico e aramaico, e foi visitante da diocese de Sigüenza, cujo bispo se ocupava com seu rebanho mais do que era o costume naquela época. Decidiu então se retirar a um mosteiro franciscano, onde abandonou seu nome anterior de Gonçalo e tomou o de Francisco, pelo qual foi conhecido posteriormente.

Quando dom Pedro González de Mendonça sucedeu o arcebispo Carrillo, recomendou-o à rainha, que já tomara como seu confessor o douto e devoto frei Francisco. Este concordou, com a condição que lhe permitissem continuar vivendo num mosteiro e guardar estritamente seu voto de pobreza. Assim, logo se converteu num dos conselheiros da rainha, e quando ficou vaga a sede de Toledo, pela morte do cardeal Mendonça, a rainha decidiu que frei Francisco era a pessoa chamada para ocupar esse cargo. A isso se opunha o rei, que queria nomear seu filho dom Afonso, e a família do falecido arcebispo, que esperava que se nomeasse um dentre eles. Entretanto, a rainha se mostrou firme na sua decisão e, sem que Jiménez de Cisneros o soubesse, ela enviou seu nome a Roma, de onde obteve de Alexandre VI sua nomeação como arcebispo de Toledo e primeiro prelado da igreja espanhola. Foi assim, de modo irônico, que aconteceu por intermédio do papa Alexandre VI, de tristíssima memória e pior reputação, a doação das bulas de nomeação de Cisneros, o grande reformador da igreja espanhola.

Quando o frei recebeu das mãos da rainha a nomeação pontifical, prontamente se negou a aceitá-la, sendo necessária outra bula de Alexandre para obrigá-lo a ceder.

Isabel e frei Francisco colaboraram na reforma dos conventos. A rainha se ocupava prioritariamente das casas das religiosas, e o arcebispo, dos monges e frades. Seus métodos eram distintos, pois embora Cisneros fizesse uso direto de sua autoridade, ordenando que se tomassem medidas reformadoras, a rainha utilizava procedimentos menos diretos. Quando decidia visitar um convento, levava consigo sua roca ou algum outro trabalho manual, ao qual se dedicava em companhia das freiras. Assim, em suave conversação, inteirava-se do que estava sucedendo no local, e, caso encontrasse algo fora do lugar,

dirigia às freiras palavras de exortação. Insistia particularmente que se guardasse a mais estrita clausura. De modo geral, isso bastava. Porém, quando chegavam notícias de que algum convento não melhorara sua disciplina apesar de suas exortações, ela usava de sua autoridade real. Nesses casos, suas penas eram severas.

Os métodos de Cisneros logo lhe criaram inimigos, e tanto os cônegos de Toledo como alguns dentre os franciscanos enviaram protestos a Roma. Em resposta a esses protestos, Alexandre VI ordenou que se detivessem as medidas reformadoras, até que pudesse investigar o assunto. Contudo, mais uma vez, a rainha interveio, obtendo de Roma não só a permissão para continuar o trabalho reformador, como também a autoridade necessária para fazê-lo de modo mais eficiente.



*Francisco Jiménez de Cisneros.*

## AS LETRAS E A POLIGLOTA COMPLUTENSE

A erudição de Cisneros, e em particular seu interesse nas letras sagradas, ocupavam lugar importante no projeto reformador de Isabel. A rainha estava convencida de que tanto o país como a igreja tinham necessidade de dirigentes mais bem preparados, e portanto se dedicou a fomentar os estudos. Ela mesma era uma pessoa erudita, conhecedora de latim, e se envolveu com outras mulheres de dotes semelhantes. Mesmo que Fernando não fosse uma pessoa ignorante, como às vezes se fez parecer, não resta dúvida de que seu interesse pelas letras era muito menor do que o da rainha. A Espanha deve a Isabel o lançamento das bases para o Século de Ouro.

Cisneros estava de acordo com a rainha na necessidade de reformar a igreja, não apenas mediante medidas administrativas, como também com o cultivo das letras sagradas. Nesse empreendimento, a imprensa era grande aliada; assim, Isabel, com a concordância de Fernando, promoveu o seu desenvolvimento na Espanha. Rapidamente iniciou-se a imprensa em Barcelona, Saragoça, Sevilha, Salamanca, Zamora, Toledo, Burgos e várias outras cidades. Porém, as contribuições mais importantes de Cisneros (com o apoio da rainha) para a reforma religiosa na Espanha dentro do estilo humanista foram a Universidade de Alcalá e a *Bíblia Poliglota Complutense*.

A Universidade de Alcalá, iniciada em 1498, não foi concluída senão em 1508, depois da morte de Isabel. Seu nome original era Colégio Maior de São Ildefonso. O propósito de Cisneros era que aquele centro docente se tornasse o núcleo de uma grande reforma da igreja e da vida civil espanhola. Esse sonho se cumpriu, pois entre os que estudaram no famoso plantel se encontram Miguel de Cervantes, Inácio de Loyola e João de Valdés. Entretanto, as obras da Universidade de Alcalá são importantes, não só em si mesmas, mas também como símbolo do interesse da rainha e de Cisneros nos estudos superiores, pois Isabel protegeu da mesma maneira as universidades de Salamanca, Sigüenza, Valhadolide e outras.

A *Poliglota Complutense* também não foi uma das obras diretas de Isabel, que morreu antes de ela ser completada, mas mais diretamente de Cisneros, ainda que indubitavelmente seguindo a inspiração reformadora da grande rainha. Recebe o nome de “Complutense” por haver sido preparada em Alcalá, cujo nome em latim é “Complutum”. Durante mais de dez anos, os eruditos trabalharam na grande edição da Bíblia. Três convertidos do judaísmo se ocuparam com o texto hebraico. Um cretense e dois helenistas espanhóis se responsabilizaram pelo grego. Os melhores latinistas da Espanha se dedicaram a preparar o texto latino da Vulgata. Quando por fim apareceu a Bíblia, contava com seis volumes



Fachada da  
Universidade  
de Alcalá.

A história da igreja é uma das áreas mais fascinantes dos estudos teológicos. Com ela, conhecemos as virtudes e vícios, os acertos e erros, os triunfos e derrotas daqueles que nos antecederam na longa e empolgante jornada do cristianismo. Com o objetivo de instruir sobre os séculos de tradição cristã, Edições Vida Nova publicam desde 1980 a *História Ilustrada do Cristianismo (HIC)*, de Justo González.

Escrito por um dos mais respeitados historiadores cristãos latino-americanos, *HIC* tem sido amplamente adotada em seminários de toda a América Latina. Sua especial atenção voltada à igreja latino-americana é notável. A grande influência e aceitação de *HIC* em nosso cenário motivaram o trabalhoso projeto de revisão da obra e adequação às novas normas da reforma ortográfica.

Uma das inovações do novo projeto é seu formato. Para facilitar a consulta e leitura, a segunda edição de *HIC* está dividida em dois volumes. O volume 2, que o leitor tem em mãos, abrange os cinco últimos volumes da primeira edição – de “A era dos reformadores” até “A era inconclusa”. Incluiu-se ainda o “Roteiro de leitura”, excelente recurso para uso em sala de aula, servindo como resumo e guia para explorar o vasto campo da história eclesial. As ilustrações, imagens e quadros espalhados ao longo do livro enriquecem e embelezam o estudo desta obra.

Sem dúvida alguma, o leitor está diante de uma das mais respeitadas obras de história da igreja. De fácil leitura, acessível e abrangente, a segunda edição de *HIC*, em novo formato, será uma ferramenta muito útil nas mãos de seminaristas, professores, pastores e interessados na história do cristianismo.

**Justo L. González**, nascido em Cuba e radicado nos Estados Unidos, é graduado pelo Seminário Unido de Cuba, com mestrado e doutorado pela Universidade Yale. Tem experiência de ensino de história da igreja em diversos seminários da América Central e dos Estados Unidos, destacando-se ainda por sua prolífica produção literária.